

L. - L.  
39731

# CAMPO ABERTO

VERSOS  
DE  
SEBASTIÃO DA GAMA



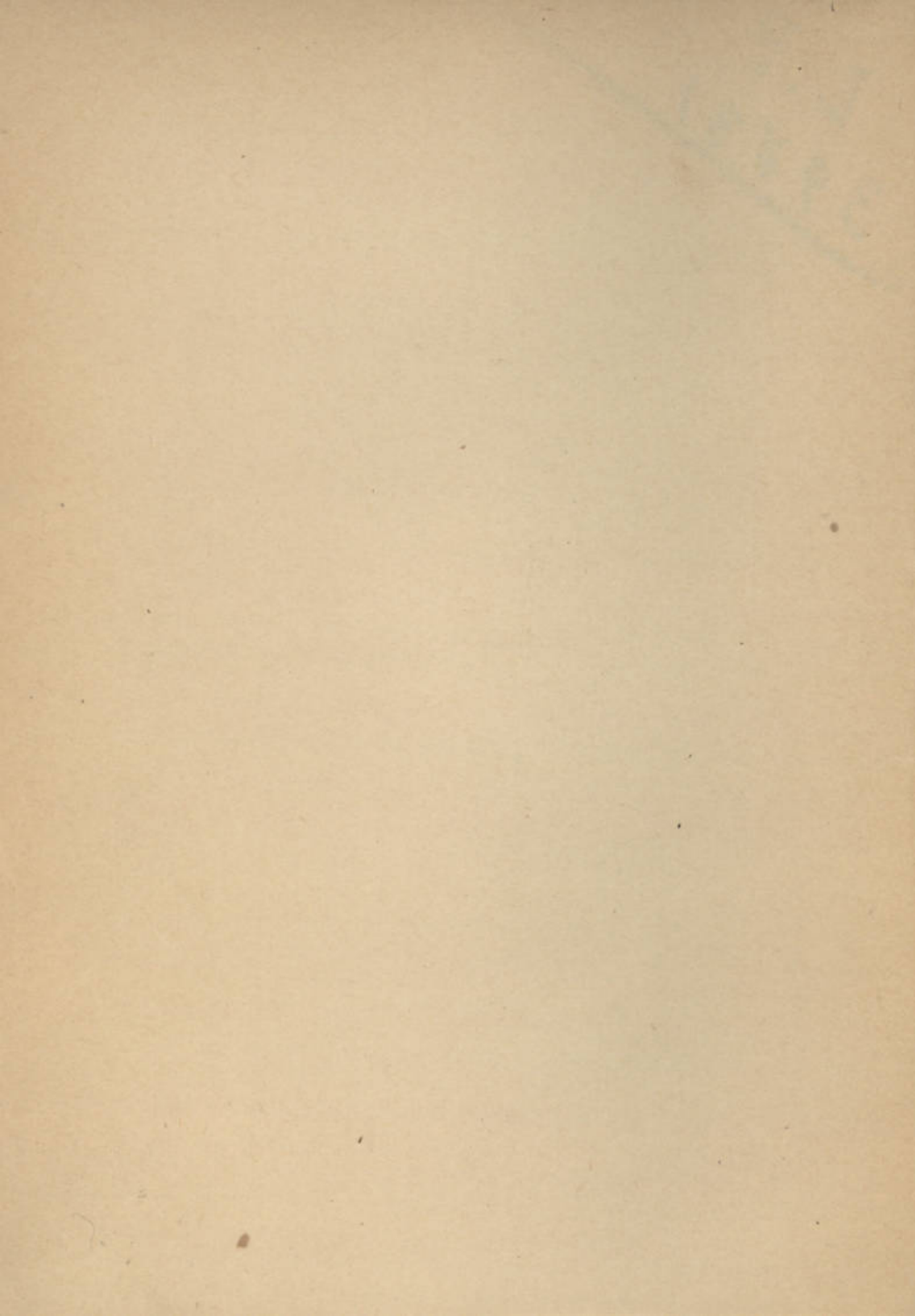
PORTUGÁLIA EDITORA  
LISBOA

L.  
31



L.P.  
39731

CAMPO ABERTO



CAMPO ABERTO

REVISTA  
DE  
SERVIÇO DA SAÚDE

189023

1971



DEP. LEG.

# CAMPO ABERTO

VERSOS  
DE  
SEBASTIÃO DA GAMA



*S.* 189023

JANEIRO  
1951

CAMPO ABERTO

VERSOS

L. 39731

188023

VERSOS

1881



CANPO ABRTO

*A JOSÉ RÉGIO*

*E VIRGÍLIO COUTO*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

118

24

CAMPO ABERTO

Tutto ciò che è campo aperto è tutto ciò che è campo aperto  
e tutto ciò che è campo aperto è tutto ciò che è campo aperto



LOUVOR DA FORSIA

Tudo frutificou : o campo estava aberto,  
deu conchego e raiz a todas as sementes.



## LOUVOR DA POESIA

Deus, que nos dá a vida,  
e nos dá a morte,  
e nos dá a vida,  
e nos dá a morte.

Que nos dá a vida,  
e nos dá a morte,  
e nos dá a vida,  
e nos dá a morte.

Que nos dá a vida,  
e nos dá a morte,  
e nos dá a vida,  
e nos dá a morte.





Dá-se aos que têm sede,  
não exige pureza.  
Ah!, se fôssemos puros,  
p'ra melhor merecê-la...

Sabe a terra, a montanhas,  
caules tenros, raízes,  
e no entanto desce  
da floresta dos mitos.

Água tão generosa  
como a que a gente bebe,  
fuja dela Narciso  
e quem não tenha sede.





MEMÓIAS PRIMEIRAS  
LUA NOVA

Tudo — era ver a Terra como um  
cubo de vidro por onde se via  
o Tempo — as horas passadas pelo mundo,  
as horas vivas — as horas, as esperanças,  
as esperanças e a vida, e os sonhos  
O novo Tempo — e o Tempo, sempre futuro,  
e refletido, sempre no presente...  
Tudo — era ver o Tempo como um  
grande e longo rio que se estende a milhões  
de milhas de distância... Quando o Tempo  
se torna de novo, não se vê mais...  
é um rio impalpável — que vive  
no tempo, e se torna Tempo.



## ELEGIA PRIMEIRA

Tudo — p'ra ver o Tempo como era  
antes de o deturparem meses, dias...  
O Tempo sem parcelas nem limites...  
Água virgem — ignota, insuspeitada,  
sua nascente, e a foz, e o leito, e as margens...  
O puro Tempo — e o Homem, sempre jovem,  
a reflectir-se, jovem, na corrente...  
Tudo — p'ra ver o Tempo como era  
quando o Tempo era o ar que enchia o Mundo...  
Quando não acabava... Quando o Homem  
não sabia de nomes nem de números...  
E não era impaciente — era feliz  
(Era feliz. Era feliz. Feliz).

## SWEET OPHELIA

**E**ntre as pedrinhas dormes, flor absorta,  
ó pobre, doce Ofélia! Mas quem sabe?  
—: Sobre a dor e a loucura, sobre a morte,  
intransparentes, mudas, esquecidas,  
correm p'ra sempre, Ofélia doce, as águas.  
E o teu sono é uma alga impresumível...

## ELEGIA SEGUNDA

Todos os pássaros, todos os pássaros,  
asas abriam, erguiam cantos,  
de Amor cantavam.

Todos os homens, todos os homens,  
de almas abertas, de olhos erguidos,  
de Amor cantavam.

De Amor cantavam todos os rios,  
todas as serras, todas as flores,  
todos os bichos, todas as árvores,  
todos os pássaros, todos os pássaros,  
todos os homens, todos os homens.

De Amor cantavam...

## MANEL

É mármore frio,  
mármore sereno.  
As mãos nem sequer  
(cruzadas e calmas),  
nos dizem adeus.

Os olhos, cerrados,  
olham para dentro.  
Os lábios, sem cor,  
dizem para dentro  
coisas tão profundas  
que já são da Morte.  
Mesmo assim, na testa  
nem uma só ruga.



Nas faces tem lágrimas  
que são de nós todos.  
Mas ele é a estátua  
depois de acabada.  
— : Os olhos, a boca,  
perfeitos, correctos.  
As mãos, verdadeiras.  
Cabelos de gente.  
Falta só um nada :  
Nada mais que a vida,  
p'ra não ser apenas  
a estátua correcta,  
perfeita, acabada.

## INSCRIÇÃO

Nada sabe do Mar  
quem não morreu no Mar.  
Calem-se os poetas  
e digam só metade  
os que andam sobre as ondas  
suspensos por um fio.

Sabe tudo do Mar  
quem no Mar perdeu tudo.  
Mas dorme lá no fundo,  
tem os lábios selados,  
e os olhos, que reflectem  
e claramente explicam  
os mistérios do Mar,  
para sempre fechados.

OS DEUSES

Houve-os na Grécia antiga,  
houve-os em Roma.  
Onde estarão agora,  
absconditos mas vivos ?  
Seu exemplo nos falta.  
— : Somos pálidos, tristes, receosos.  
Onde estarão, que apenas  
sabem deles as árvores ?

## ELEGIA PARA UMA GAIVOTA

Morreu no Mar a gaivota mais esbelta,  
a que mórava mais alto e trespassava  
de claridade as nuvens mais escuras com os olhos.

Flutuam quietas, sobre as águas, suas asas.  
Água salgada, benta de tantas mortes angustiosas, aspergiu-a.  
E três pás de ar pesado para sempre as viagens lhe vedaram.

Eis que deixou de ser sonho apenas sonhado.  
— : É finalmente sonho puro,  
sonho que sonha finalmente, asa que dorme voos.

Cantos dos pescadores, embalai-a!  
Versos dos poetas, embalai-a!  
Brisas, peixes, marés, rumor das velas, embalai-a!

Há na manhã um gosto vago e doce de elegia,  
tão misteriosamente, tão insistentemente,  
sua presença morta em tudo se anuncia.

Ela vai, sereninha e muito branca.  
E a sua morte simples e suavíssima  
é a ordem-do-dia na praia e no mar alto.



## PARAÍSO PERDIDO





## PARAÍSO PERDIDO

Éramos duas crianças descuidadas.  
Éramos duas flores nascidas num jardim,  
ao lado uma da outra, tão perto uma da outra,  
que confundiam seus perfumes, sua cor, suas raízes.

Éramos... Mas sei lá bem o que nós éramos!  
Sei lá eu se em verdade fomos o que fomos!  
Raiz, perfume, cor,  
já só existem na dor de querer em vão lembrá-los.

E no entanto, Amor, o que fizemos nós?  
Esta angústia, vaga mas persistente, a que a devemos?...  
Deus fugiu-nos, não fomos nós que Lhe fugimos,  
mas não deixámos nunca de rezar-Lhe nem de acatar Seu nome.

Quase que não saímos do jardim.  
Não matámos, não dissemos mal dos outros,  
tu foste sempre à missa, confessaste os pecados que não tinhas,  
comungaste,  
e eu declinei convites que Deus me proibia.

Simplesmente, ao amar-te pensei nos nossos filhos.  
Vi no Amor uma fonte de alegrias — não de tristezas.  
E acreditei que os teus lábios eram frutos  
que eu devia trincar antes de emurchecerem.

Amei com a mesma ternura o teu corpo e a tua alma.  
Amei-te, flor!, raiz e caule e pétalas e folhas,  
tão carinhosamente, tão religiosamente,  
como amei teu perfume.

Mas hoje, inexplicável, oiço em tudo  
uma tremenda acusação: o azul das ondas,  
a meiguice infantil das miosótis,  
o céu balsâmico, as cariciosas nuvens,

tudo que é meigo, azul, caricioso, balsâmico,  
só por hábito o sinto ainda assim.  
E tudo me pergunta: «Que é de ti? Que fizeste  
do que olhava p'ra nós enternecidamente?»

Vou-te amando por hábito, vou amando Deus por hábito,  
mas continuando a parecer deslumbrado e sincero.  
E o mais triste é que chego a acreditar em mim,  
e o mais irónico é que todos me gabam e me invejam.

Pudesse eu regressar... Mas como,  
se quase não sai de aonde estava ?  
Pudesse (mas como, se não pequei ?) não voltar a pecar,  
e novamente ser a flor ingénua do jardim...

Ou será, minha vida maravilhosamente apaixonada  
por tudo quanto é belo, será que o teu destino  
é não poder levar à boca os frutos que são teus  
e torturada olhar de longe a água que mereces ?

Ah!, se o Amor me é vedado como preço de amar ardentemente,  
de comovidamente olhar, ouvir, sentir, cantar,  
abençoada angústia !

Levem a água para longe dos meus lábios

— e pareçam meus lábios, eles que não beberam, água puríssima,  
intacta ;  
levem para bem longe das minhas mãos os frutos  
— e que pareçam elas frutos sempre maduros e magníficos  
que nem a mão dos homens nem a foice do Tempo maltrataram.

## PALAVRAS A FREI AGOSTINHO

Soubesse eu, Agostinho, aonde paira a tua alma. .  
Não, não na quero amor-perfeito ou borboleta  
(só saudade e perfume)  
espalmados entre as folhas do teu livro.  
Não, não na quero ainda torturada,  
interrogante, trágica,  
como ela está na letra dos teus versos.  
Preciso é de alcançar-te em beatitude.  
É a tua alma plena que eu procuro,  
a tua alma liberta, não já tanto a nossa Irmã,  
quanto a de quantos a Morte esclareceu.  
Não é a tua alma viva da nossa vida  
— que essa é por demais igual à nossa,  
mas a tua alma viva de outra vida em que se fala  
e em que tudo é simples e claríssimo  
e não há incertezas, nem paixões, nem dramas.

Essa sim, só essa pode responder  
às mil perguntas (complicadas, escuras, doentes de incerteza  
e de paixão e drama)

que sem ordem acodem aos meus lábios.  
Tu, ciente de todas as verdades,  
tu, aureolado de todas as certezas,  
cheio de graça e de serenidade,  
vem até mim, até ao labirinto  
que aos poucos se me foi tornando a alma,  
diz-me se vale ou se não vale a pena  
afligir-me  
e tenta perceber o que me aflige.  
Que eu, não : percebo apenas  
que desde que voltei os olhos para o Mundo  
e tratei por Irmãs todas as coisas  
Deus nunca mais desceu à minha casa.

E tu, Frei Agostinho, descerás ?

## APARECES TÃO POUCO ...

Apareces tão pouco nos meus sonhos  
que quando os sonho chego a ter saudades tuas.

E entretanto tu és ainda a mesma : continuas  
a pôr cravos e rosas ao pé do meu retrato,  
a idealizar uma casa ao rés das ondas  
(mal pensas nela, riem nos teus ouvidos nossos filhos)  
e a fazer da Vida precisamente a ideia  
que fizeste de mim desde a primeira hora.

Era assim, boa e simples, que antigamente chegavas  
aos meus sonhos.

E como eu, pela minha, calculava a tua pressa,  
fazia-te chegar rosada e ofegante, exausta de correr  
da tua porta à porta da minha fantasia.

O tempo era o das flores...

E tu colheras uma no caminho e vinhas dá-la  
ao maior e melhor de todos os poetas.

Eu fingia fingir acreditar no que de mim julgavas,  
e era já acordado que beijava as tuas mãos,  
pois desceras comigo do sonho e à minha volta  
o estremecer alegre e o perfume suavíssimo do ar  
e um silêncio igualzinho ao que se faz quando te calas  
eram tua presença verdadeira...

Por que não vens agora ?

Todo o tempo é o tempo das flores, para os poetas...

E tu pensas de mim o que pensaste sempre  
e bordas nos lençóis as nossas iniciais.

Por que não vens ?

Chegarias ainda rosada e ofegante.

Não virias molhar de lágrimas meus sonhos,  
porque não sabes nada... Nem sequer  
que até esqueci a cor e o corte do vestido  
que tu estreaste (há quantas primaveras ?)  
no último sonho em que sonhei contigo...

## A UMA CRIANÇA

**H**á verdade de mais no teu olhar profundo.  
Minha amada criança, alegre e linda,  
mas sobretudo alegre, por que vêm  
à tona dos teus olhos, crudelíssimas,  
todas as dores (as por contar e as contadas) deste Mundo?

Ó minha Irmã (meu coração exige  
que sejas minha Irmã), que não provaste  
da Vida senão as flores e o Sol e as aves  
— por que há flores magoadas nos teus olhos puros  
e sóis de inverno e andorinhas moribundas  
e tanta coisa que me espanta e que aflige?



Que sabes tu, mais do que ser feliz ?  
O teu quarto é ainda de bonecas,  
as tuas mãos são lírios...  
É verdade: são lírios. E esta velha imagem,  
só porque a lembro em teu louvor, parece  
que é a primeira vez que um poeta a diz.

Nada, minha menina, que te inquiete.  
Mesmo se o sol não vem,  
tu ris, porque também as nuvens são bonitas.  
E a tua voz, como soa tão doce!  
Tão água do rio Lima, tão meiga, como se fosse  
cantando para todos, para tudo: «Minha Mãe... Minha Mãe...»

Teu coração é um berço (Embala nele, Irmãzinha, o teu Irmão...).  
Ninguém fala de ti, ninguém te fala  
que não seja com a mais sincera das ternuras.  
Ajardina-se o ar quanto tu passas,  
louvam-te os céus, se os olhas, cheios de gratidão.

Ah!, bem caras se pagam a serenidade e a candura!  
Tudo que o Mundo tem sofrido,  
tudo que o Mundo sofrerá, tudo que está sofrendo,  
vem espreitar à janela dos teus olhos  
p'ra ensombrá-los de desgosto e de amargura.

Ris, ignorante de aquele brilho triste,  
e toda a gente comenta: «Vejam que alegria tão grande  
nos seus olhos!»

Comentam sem inveja e sem desconfiança.  
Só eu, Mundo! — e ainda bem!, que estou cumprindo à risca  
o crime de ser poeta, pude ver  
o que de mau e de terrível em seu olhar existe.

Vi nos teus olhos um ar de quem se despedia,  
de quem ia morrer com suavidade e quase carinho pela Morte.  
Ah!, se o teu Anjo da Guarda, meu Anjo da Guarda!,  
viesses sossegar-me!...

«Não tenhas medo, Poeta!, Quem vai morrer é o Mundo.  
Quem se despede é o Mundo.

Ela tem de ficar. E' necessário pôr  
sobre a campa uma flor de Perdão e de Alegria.»

## ROMANCE DO COMEÇAMENTO VIAGEM

Vamos sempre ao encontro  
dos sonhos e das esperanças,  
que nascem das idéias  
e das palavras douradas,  
e se tornam realidade.

Quando a vida é mais simples  
e o coração é mais nobre,  
quando a alma é mais pura  
e o espírito é mais forte,  
quando a fé é mais firme  
e o amor é mais doce,  
quando a esperança é mais viva  
e o sonho é mais belo,  
quando a vida é mais plena  
e o coração é mais leve.



## ROMANCE DO COMBOIO

Vastos campos do Mondego  
(eram campos, campos, campos...),  
com choupos que têm alma  
(António Nobre morreu...),  
com verdes que são saudades  
de primaveras antigas.

Onde a água é mais calada  
foi que perdi os meus olhos.  
(Mas onde estava a tricana ?)  
Eram campos, campos, campos...  
Mas onde estava a tricana ?  
Já Coimbra se não via  
e ainda ela sorria  
no aceno das minhas mãos.

No meu gesto havia choupos,  
campos vastos, vastos, vastos,  
águas suspensas à escuta  
(que versos de que poeta  
escutam aquelas águas ?),  
risos, silêncios e mágoas  
de uma tricana escondida.

Na sua marcha o comboio  
era uma égua de Espanha.  
(Só vento norte de Espanha  
lhe pode matar o cio.)  
Fumegava, fumegava...  
De paixão e de volúpia,  
tinha as crinas eriçadas ..  
Só eu ouvia a voz triste  
(por que mistério fui eu ?)  
que vinha não sei de aonde.  
Era triste, triste, triste...

— Se não foi choupo nenhum,  
quem foi que disse à tricana  
que António Nobre morreu ?

## MANHÃ NO SADO

**B**ranças, as velas  
eram sonhos que o rio sonhava alto.  
Meninas debruçadas em janelas,  
viam-se, à flor azul das águas, as gaivotas.  
E a Manhã quieta (sorrindo, linda, vinha vindo a Primavera...)  
punha os pés melindrosos entre as conchas.  
Derivavam jardins imponderáveis  
dos seus passos de ninfa  
e tremiam as conchas  
de súbitas carícias.

Longe era tudo : o medo dos naufrágios,  
as angústias dos homens, o desgosto,  
os esgares das tragédias e comédias  
de cada um, os lutos, as derrotas.  
Longe a paz verdadeira das crianças  
e a teimosia heróica dos que esperam.

Ali, à beira-rio,  
de olhos só para o rio, de ouvidos surdos  
ao que não é a música das águas,  
um sossego alegórico persiste.  
Nem o arfar das velas o perturba.  
Nem o rumor dos seios capitosos  
da Manhã, que nas águas desabrocham  
e flutuam, doentes de perfume.  
Nem a presença humana do Poeta  
— sombra que a pouco e pouco se ilumina  
e se dilui, anónima, na aragem...



## SANTA LUZIA

Vejo de Santa Luzia  
quanto de lá posso ver.  
Vejo Ponte, vejo Braga...  
Só não vejo o meu Amor.

Tapem-me os olhos com terra!  
Não veja Ponte nem Braga,  
nem o Lima, que é o gosto  
das minhas horas saudosas.  
— Mas que veja o meu Amor.

Vejo de Santa Luzia  
quanto de lá posso ver.  
P'ra ver de Santa Luzia  
quanto de lá quero ver  
até os olhos daria.

Se fui a Santa Luzia  
pelo cair das trindades,  
não foi p'ra ter mais saudades :  
foi p'ra ver se te veria.

Não foi p'ra ver amieiros  
que riem pela manhã,  
que choram pela tardinha :  
foi p'ra contar ao meu Bem  
as saudades que já tinha.

Santa Luzia me valha !  
De Viana para o Monte,  
ao subir quase cantava ;  
quase chorava, ao descer  
do Monte para Viana.

Deixei a minha esperança  
pendurada num cipreste.  
Mas foi a minha vingança,  
quando voltava do Monte,  
não olhar Braga nem Ponte,  
nem Viana, nem Montedor.  
Se não vejo o meu Amor,  
não há olhar que me preste.

De que serve seres tão alto,  
Monte de Santa Luzia ?  
Quanto mais alto, mais longe...  
Por isso, coisa nenhuma  
me pode dar alegria.  
Nem saber que o meu Amor,  
lá na lonjura onde estava,  
só de lembrar-me cantava  
cantigas que eu não ouvia.

## MÃE NOITE

Noite que não pedi, que não sonhei, noite impossível,  
de pedir, de sonhar,  
Noite que num momento resgataste  
o Mondego sem água e sem poesia.

Rasgavam-te os vestidos os relâmpagos.  
Laivavam de amarelo a tua carne escura.  
Noite pura,  
com sete chagas vivas sobre os flancos.

Só falavam as rãs. Os poetas, não.  
Esses, ciosos de perceberem teu sentido,  
tinham o coração fechado e comovido  
na tua mão.

Tinham os lábios plenos de segredo  
e os olhos deslumbrados  
de acolher inteirinha a tua imagem,  
mas serenos.

Tinham, nas mãos abertas,  
silêncio vivo, grávido  
de oração, humildade.  
A tua graça austera

nas suas mãos abertas recebiam.  
E o Mondego eriçava-se de espanto...  
E as suas águas doentes  
vibravam de saúde e poesia...

Noite, Mãe dos poetas,  
virgem depois do parto,  
Senhora da Piedade,  
quem te disse das dores que me acometem ?

Por que vieste, se eu te não chamava,  
se eu me esquecera  
de que a tua balsâmica presença  
era o único bem que me faltava ?

Noite, Mãe dos poetas e dos pobres,  
que vieste sem astros nos vestidos,  
encheram-se de ti os meus sentidos,  
nada me dói...

Noite, cheia de graça,  
bendita entre as mulheres,  
pelo bem que nos queres  
obrigado, obrigado...

## CARRUAGEM DE TERCEIRA

**O** Amor tinha sido  
havia muito tempo.  
(Seu cabelo era preto  
e branco o seu vestido.)

O seu vestido é preto.  
O seu cabelo é branco.  
Vai sentada no banco  
mesmo em frente do meu.

Ao lado, um vulto de homem  
que é a memória viva  
da força já antiga  
que lhe agitava o seio.

Falam só do presente.  
Mas suas mãos cruzadas  
é nas coisas passadas  
que poisam, meigamente.

Um halo de inocência  
e de serenidade  
— não a breve grinalda  
de lírios ou de rosas —

lembra o amor sem posse  
de onde lhes vem o ar  
de deuses que se amaram  
em dias que não morrem.



## O CAIS

Já o cais não é de pedra,  
de tanto sentir o Mar.  
Já não é, a pedra, lisa :  
já ganha forma de velas  
pandas de vento e de orgulho ;  
já deixou de ser branquinha,  
p'ra ser azul como as águas.

Já o cordame, que sonha  
noite e dia sobre o cais,  
o tem o sonho mudado  
em algas pênhas de iodo.  
Degraus de pedra se animam  
e pelas ondas se atrevem  
— botes sem mestre, perdidos,  
sem outro leme que o gosto  
de ir pelas ondas adentro.

Marujos que o nunca foram,  
assentadinhos no cais  
desde a hora do nascer,  
quem foi que disse que tinham  
raízes naquelas pedras ?  
— Já lhes despontam nas costas,  
já por ares e mares os levam,  
asas leves de gaivota.

Cada traineira que passa  
convida o cais a sair.  
Já o cais não é de pedra.  
O sal moldou-lhe uma quilha,  
as ondas o encurvaram,  
os limos o arrastaram  
p'ra lá de todo o limite,  
e o cais cedeu ao convite  
de ser um barco sem mestre.

Lá vai perdido nas ondas  
e não lhe importa a chegada.  
Deitou a bússola ao Mar.  
Fez uma estaca do leme,  
que atesta o sítio em que foi.  
Voltou as costas à terra  
e o seu destino cumpriu-se,  
que era partir e mais nada.

## CAIXINHA DE MÚSICA

As quatro meninas têm nomes bons  
Tão nos quatro cantos da escola  
Luzinha e Maria — Tão nos quatro  
que se encontram o coração de todas as crianças  
No fim de três dias — Tão nos quatro anos.

As quatro meninas têm nomes bons  
Como quando dizem — As quatro meninas  
sabem quando dizem, que o lar é aquele  
onde se encontram todos os seus amigos.



## BALADA DAS QUATRO MENINAS

As quatro meninas têm quinze anos.  
Têm nas gavetas cadernos de escola  
fechados à chave... Têm nas gavetas  
(que ninguém o sonhe!) as tranças cortadas  
há dois ou três dias... Têm quinze anos.

As quatro meninas têm namorados.  
(Como gostam delas!...) As quatro meninas  
sabem que são belas, que o juram aquelas  
cartas escondidas entre os seios tímidos.

As quatro meninas sabem-se miradas.  
Sabem da inveja que têm na praia  
os outros rapazes dos quatro rapazes  
que à tarde lhes dizem... as coisas que dizem.  
E as quatro meninas sentem-se felizes.

## BALADA DAS QUATRO MENINAS

Chove..., chove..., chove... Esbeltas, à janela,  
por detrás dos vidros, cismam as meninas.  
— Que palavras meigas estarão escrevendo,  
por detrás dos vidros, escutando a chuva,  
os quatro rapazes, os quatro mais belos,  
mais fortes, mais ágeis, que existem no Mundo?

As quatro meninas sorriem : bem sabem.

## TOADA DO LADRÃO

**A** mim não roubaram  
porque eu nada tinha.  
Mas roubaram tudo  
à minha vizinha.

Vejam os senhores :  
Roubaram-lhe a ela  
a filha mais grácil,  
a filha mais bela.

Nem na sua casa,  
nem na freguesia,  
sequer no concelho,  
melhor não havia.

Prendada, bonita...  
E, depois, uns modos  
de matar a gente,  
de prender a todos.

Dizia a vizinha  
que era o seu tesoiro ;  
que valia mais  
que a prata e que o oiro;

que a não trocaria  
por coisa nenhuma ;  
que filhas assim  
havia só uma.

Pois hoje um ladrão  
que há muito a mirava  
entrava-lhe em casa  
p'ra sempre a levava.



E a minha vizinha,  
dona de solares  
e de longas terras  
com rios e pomares,

e de jóias raras  
que ninguém mais tinha,  
ei-la num instante  
pobrinha... pobrinha...

(Tem pomares ainda,  
tem jóias, tem oiro...  
Mas de que lhe servem  
sem o seu tesoiro?)

— Vizinha e Senhora,  
não me queira mal!  
Se há ladrões felizes,  
sou o mais feliz  
que há em Portugal.

## MARIBEL

**E**ra tão triste o conto  
que não valia a pena.  
Mas a menina insiste:  
— Avó, o conto triste.

— Era uma vez... — contava.

Ao fim soube a menina  
que o Príncipe morrera  
numa batalha inglória.

— Não contes mais a história!  
Avó, não contes mais  
a história, que é tão triste.

Viuvinha tão bela  
de um Príncipe tão jovem,  
adormeceu chorando.

Já as lágrimas secam.  
Já um sorriso aflora  
seus lábios de Princesa.

Feliz Príncipe morto !

## DESCOBERTA

Já não tem medo de andar.  
Isso era dantes, o medo!  
Já desvendou o segredo  
que nos não deixa tombar  
e que é só perder o medo.

Pobres dos que não percebem  
esta grande maravilha  
de ter pernas que nos levem  
de um canto ao outro da sala.  
Já o menino se iguala  
com as pessoas crescidas.  
Pobre de quem não descobre,  
em cada passada incerta,  
que ele vai à descoberta  
de terras desconhecidas.

Já o menino dispensa \*  
que o ponham junto da flor  
que lá de longe o convida.  
E a flor tem outro sabor  
(o mesmo que ao longe tem)  
assim ganha sem ninguém  
que o encaminhe p'ra ela.

E o menino ri, naquela  
longa viagem que o deslumbra.  
— : O Mundo já é maior.  
Há mais flores depois da flor  
que apanha e vai desfolhando.  
E o menino ri, troçando  
de quem, ao vê-lo passar,  
não se espanta nem se admira,  
afeito à velha mentira  
que andar é coisa vulgar.

## CANTIGA DE AMIGO

Tenho um lenço cheio  
de cantigas tristes,  
desde que, meus olhos,  
de aqui vos partistes.

Nem sei que vos cante  
porque mal parece  
cantar eu cantiga  
que só entristece.

Não sei que vos cante  
sem vos molestar:  
Olhos como vós  
não devem chorar.

Olhos meus, olhai-me  
de longe que seja  
— mas que vos eu sinta !,  
como que vos veja !

Dizem que éreis Astros  
antes de olhos serdes.  
Nem que a Deus lembrasse  
fazer astros verdes ! . . .

Dizem que éreis lume,  
n'outra encarnação.  
Mas o lume queima  
e os meus olhos não.

Dizem, olhos dele,  
que sois olhos meus.  
Voz do Povo, às vezes,  
é a voz de Deus.

Ó meus olhos, feitos  
p'ra dardes por mim,  
fosse eu bicho mau,  
fosse eu erva ruim,

ó ausentes olhos  
mas olhos fiéis,  
quero ver-me ao espelho,  
não vos demoreis.

*CONTO EM VERSO DA PRINCESA  
ROUBADA*

Não sei outra história  
senão a que sei :  
Os ladrões levaram  
a filha do Rei.

— Sela o teu cavalo,  
que hoje há montaria.  
— Roubaram-me a filha,  
não tenho alegria.

A ricos e pobres  
faz El-Rei saber :  
— Casará com ela  
o que ma trazer.

— Mas se for um monstro  
feio e cabeludo ?  
Mas se for um cego ?  
Mas se for um mudo ?



— Ao melhor serviço  
cabe a melhor paga :  
Será o meu genro  
quem quer que ma traga.

Oh que lindo moço  
deu com a donzela !  
Como vem contente  
pelo braço dela !

Nunca o Paço viu  
par tão delicado :  
Rosa de jardim  
com seu cravo ao lado.

Que feliz o Rei,  
que já tem a filha,  
que já tem um genro  
que é uma maravilha !

Como lhe sorri,  
lhe agradece tudo ! . . .

— Mas se fosse um monstro ?

Mas se fosse um mudo ?



## A COMPANHEIRA



## TODO O MAU TEMPO...

Tudo o mau tempo quebrou nas tuas mãos  
- praias aonde rolam, lânguidas, as ondas mais rebeldes...;  
flores piedosas que abrigam a chuva friorenta...;  
canaviais em que os ventos adormecem...

Ó mãos irmãs das mãos balsâmicas da Noite!  
Única fonte em que bebem minhas mágoas!  
Puras imagens em vão tentadas descobrir  
pelos mais misteriosos dos poetas!

Quero esquecer-me em vós como num conto  
ou num verso ou num sonho ou num barco abandonado  
sobre um rio.

Ó mãos que sois um bosque vedado à Dor e ao Tempo,  
deixai ser minha alma a Bela Adormecida...

## PLENITUDE

**S**orri, sorriste. O Mundo era pequeno.  
Mas bastava. Cabia nele, intacto,  
o encantamento pleno  
que te detinha ali, junto de mim,  
que nos detinha ali, serenos, puros,  
longe da multidão, longe do Tempo  
— rio que passava ao largo e nós ficávamos.

## A COMPANHEIRA

Não te busquei, não te pedi : vieste.  
E desde que eu nasci houve mil coisas  
que a meus olhos se deram com igual  
simplicidade : o Sol, a manhã de hoje,  
essa flor que é tão grácil que a não quero,  
o milagre das fontes pelo estio . . .  
Vieste (O Sol veio também, a flor,  
a manhã de hoje, as águas . . .). Alegria,  
mas calada alegria, mas serena,  
entendimento puro, natural  
encontro, natural como a chegada  
do Sol, da flor, das águas, da manhã,  
de ti, que eu não buscara nem pedira.

E o Amor ? E o Amor ? E o Amor ?

— : Vieste.

## A NOSSA CASA

A luz acesa  
(petróleo débil)  
e tu inquieta, feliz, à minha espera.  
Cismam livros de versos sobre a mesa.  
Sonolentos, os cravos da varanda  
cabeceiam nos vidros.  
Ando lá fora.  
(Lá fora, a ventania,  
a noite, o frio dos Astros,  
a Poesia decerto . . .)



À luz débil, insistes no bordado.  
Os nossos filhos dormem  
(levantaste-te agora para vê-los ...).

Irónica, a Poesia  
sabe que ando lá fora a procurá-la,  
indiferente ao vento e à noite fria.



## A VERDADE ERA BELA

A verdade era bela,  
como o sol no céu,  
e a mentira era feia,  
como a noite sem lua.

De que adianta ser rico  
se não se tem a verdade,  
que é o bem de todos,  
e a base da vida?

Quem busca a verdade,  
de que caminho não se afasta,  
que a verdade é o bem,  
e a mentira é o mal.



## A VERDADE ERA BELA

A verdade era bela,  
como vinha nos livros.  
À beirinha das águas  
a verdade era bela.

Os que deram por ela  
abriram-se e contaram  
que a verdade era bela.

Quase todos se riram.  
Os que punham nos livros  
que a verdade era bela,  
muito mais do que os outros.

A verdade era bela  
mas doía nos olhos  
mas doía nos lábios  
mas doía no peito  
dos que davam por ela.

A VERDADE ERA BELA

A verdade era bela  
mas doía nos olhos  
mas doía nos lábios  
mas doía no peito  
dos que davam por ela.

Os que davam por ela  
sabiam a verdade  
mas a verdade era bela.

Os que davam por ela  
sabiam a verdade  
mas a verdade era bela.  
Os que davam por ela  
sabiam a verdade  
mas a verdade era bela.

## NATAL

Fadas é nas histórias  
e reis é nos presépios.  
— : Pariste sem mistério,  
como os bichos.

Mas a menina veio  
graciosa e delicada.  
Sua única fada,  
a graça do teu seio.

Ganhaste-a com arranques,  
e gritos, e suor,  
com sangue, com ternura,  
e Amor e Amor e Amor.

Por tudo isto é que é bela.  
Feliz ou infeliz ?  
Se as fadas não existem,  
quem sabe a sua estrela ?

Concha rolada à praia,  
fechada, fechadinha,  
nem o Mar adivinha  
que segredo ela guarda.



## ALEGORIA X

**J**unto do Mar canta a Cigarra.  
Canta, p'ra iludir  
a fome e a solidão ;  
p'ra fingir que tem pão  
e p'ra fingir que está acompanhada.

Tremeluzem os Astros no céu nítido :  
Dona Cigarra faz serão.  
Como há-de ela dormir, se a vida é curta ?  
— : Cigarra que se preza, quando morre  
não deve estar a meio da canção.

Ninguém pára a saber por que é que canta.  
Ninguém lhe dá ouvidos nem conforto.  
Melhor, assim : assim, não perde tempo  
quem não pode cantar depois de morto.

A parte que lhe coube por destino,  
tem de morrer deixando-a já cantada.  
Que faz que a não escutem nem lhe acudam ?  
É preciso é sentir que se está vivo.  
É preciso é que as asas que sosseguem  
o tenham merecido.

Canta a Cigarra à sombra da montanha  
e à sua voz a solidão alastra,  
deixa-a mais longe, sempre, dos que dormem.  
Só a noite a entende e agasalha.  
Mas a voz não acusa nem se cansa  
nem laiva de azedume ou amargura.

Ei-la crucificada de indiferença.  
Serve-lhe a Noite de mortalha.  
Morno ainda do Canto,  
seu coração evola-se em ternura  
que vai poisar no sonho dos que dormem ...

## CONDIÇÃO

Constrói ao menos  
qualquer coisa efémera.  
Pois mais não podes ser,  
sê ao menos efémero.

Grava os passos na areia,  
desenha sobre a estrada  
teu vulto.  
É melhor do que nada.

A desfazer-te o rastro  
virá o Mar, é certo.  
Virá, é certo, a Noite  
beber a tua sombra.

Efêmero ? Serás . . .  
Mas presente  
no Mar, eternamente;  
na Noite, para sempre.

## OS QUE VINHAM DA DOR

Os que vinham da Dor tinham nos olhos  
estampadas verdades crudelíssimas.  
Tudo que era difícil era fácil  
aos que vinham da Dor directamente.

A flor só era bela na raiz,  
o Mar só era belo nos naufrágios,  
as mãos só eram belas se enrugadas,  
aos olhos sabedores e vividos  
dos que vinham da Dor directamente.

Os que vinham da Dor directamente  
eram nobres de mais p'ra desprezar-vos,  
Mar azul!, mãos de lírio!, lírios puros!  
Mas nos seus olhos graves só cabiam  
as verdades humanas crudelíssimas  
que traziam da Dor directamente.

## QUATRO MIL SOLDADOS

Ra ta plã ta plã  
quatro mil soldados  
vão mecanizados  
peça estrada fora.

Sereninha a hora,  
manhã linda, linda,  
mas os quatro mil  
marcham indiferentes.

Ra ta plã ta plã,  
que bonito é!  
Mas à volta há flores  
e nenhum as vê.

Passam andorinhas,  
dizem-lhes recados.  
De olhos encantados,  
passam raparigas.

Ondas lhes acenam.  
Melros e pardais  
fazem-lhes sinais  
pela estrada fora.

Mas os quatro mil  
vão mecanizados.  
Passos acertados  
pelo rataplã ;

os ouvidos dados  
só ao rataplã ;  
olhos cegos, cegos,  
coração entregue

só ao rataplã  
(Ra ta plã ta plã  
Ra ta plã ta plã  
Ra ta plã ta plã).

Que monotonia!  
Que enfadonha letra!  
Entretanto os melros  
trinam de alegria.

Trinam, trinam, troçam.  
— Quatro mil soldados,  
todos combinados,  
negam a manhã!

Ra ta plã ta plã  
Ra ta plã ta plã  
Ra ta plã ta plã  
Ra ta plã ta plã



## MOINHA

Chora contra a parede  
um choro sem violência.  
(Ao lado, uma aranha  
constrói a sua teia.)

Chora devagarinho,  
vê-se o choro nos ombros.  
(Ao lado, a água tomba  
pingo a pingo.)

P'la noite fora chora  
desde que o Mundo é triste.  
Desde que a noite é escura  
chora p'lo Mundo fora.

Contra a parede.

(E a água,

pingo a pingo, persiste.

E a aranha não desiste.)

Menino, chora!

## APOLO

Lua, magro planeta,  
débeis, sem nervo digno desse nome,  
hão-de ser as palavras do poeta  
que de ti bebe e come.

Que saúde virá da enfermeira  
pálida, triste?  
Ponham-me o Sol à cabeceira,  
se algum dia o meu corpo não resiste.

A Lua sirva apenas  
p'ra descansar da cor viva de mais ;  
almofada de penas  
onde a cabeça pouse depois dos vendavais.

Ó candeia da Morte, pendurada,  
à noite, sobre as covas,  
sabes lá como a luz da madrugada  
faz as palavras novas !

Verso que o Sol mediu, que o Sol aquece,  
traz o selo da Vida na raiz.  
Não mais terá repouso, que o merece  
o que o Poeta quis.

Potros livres, as silabas afundam  
suas patas nervosas na distância.  
E o Mundo todo inundam  
de cavalgada e ânsia.

Pobres os versos, Lua doce,  
que só por ti respiram e deliram ...

O factote de Apolo despenhou-se.  
— Mas os potros leais não desistiram.

## É O SOL E MAIS NADA

É o Sol e mais nada  
neste momento importa.  
Brinquem os raros felizes  
no seu jardim em flor.  
Dancem danças de roda,  
digam versos de Amor,  
e o sumo das laranjas  
lhes adoce a garganta.

É o Sol no pomar  
e no jardim dos tristes.  
Tristíssimos os tristes  
que não venham bailar!

Estavam três meninas  
sentadas no pomar.  
Estavam três rapazes.  
E as meninas pensaram  
que o Sol não acabava.  
E os rapazes fingiram  
acreditar também  
que o Sol não acabava.  
E moços e meninas  
bailaram no pomar.

Era o Sol, era o Sol,  
e tanto lhes bastava.  
Tristíssimos os tristes  
que por desconfiança  
não quiseram bailar!,  
e àquela mesma hora  
choravam no jardim,  
choravam no pomar.

## CRISTO

Havia sal de lágrimas  
em volta dos Teus olhos.  
E Tu, grave e sereno,  
em mim os olhos punhas.  
Pedir? Nada pedias ...  
Mudos também, Teus lábios ...  
Mudos. Mas é de então  
que eu oiço a Tua voz  
e que me dói na alma  
(como?, se não pediam ...)  
o apelo dos Teus olhos  
de olheiras de salitre.

Dá-me, Jesus possível  
(basta olhar-Te de frente),  
a força que dimana  
da Tua dor viril.  
Olhar-Te, será pouco . . .  
Ah!, mas é tanto, olhar-Te!  
Dá-me, Senhor, a arte  
de não perder de vista  
Teus olhos e Teus lábios  
— mudos, mas eloquentes ;  
discretos, mas precisos.

Ó meu Jesus heróico,  
meu Capitão, afasta  
com Tua mão direita,  
afasta a Morte, afasta-a,  
que ainda a não mereço.  
Morra sòmente em mim  
o que já é da Morte.  
Mas isto, isto de ver-Te,  
e ouvir-Te, e compreender-Te,  
e de querer seguir-Te,  
isto, Jesus, é nosso.  
Isto é a mão de Vida  
que me pertence. A única  
razão da Tua vinda  
há mil e tantos anos.



Era de tarde. O Vento  
dava nas ervas, punha-as  
de rastros, humilhadas.  
Jesus passou.

— : Ergui-me.



## SENHORA DA LAPA

Senhora da Lapa, esposa,  
do Lapa, do Lapa do Lapa,  
Senhora da Lapa,  
do Lapa do Lapa do Lapa.

Senhora da Lapa, esposa,  
do Lapa, do Lapa do Lapa,  
Senhora da Lapa,  
do Lapa do Lapa do Lapa.

Senhora da Lapa, esposa,  
do Lapa, do Lapa do Lapa,  
Senhora da Lapa,  
do Lapa do Lapa do Lapa.



Barro pintado, apenas.  
— Duas, três mãos de barro,  
amassado e moldado  
por duas mãos serenas.

Mas em toda a capela,  
e a capela é imensa,  
nada mais tem presença  
do que a presença d'Ela.

Quem se não comovera ?  
Tão íntima, tão minha,  
como se as mãos que põe  
por mim só as pusera.

E um vago sentimento  
de ter que Lhe pedir  
(mas por quem ? mas o quê ?)  
me desprende do Tempo.

Criança ajoelhada,  
falei-Lhe num murmúrio,  
não fosse perturbar  
a penumbra em que estava.

Que palavras Lhe disse  
(se é que disse palavras . . . )  
tão cá dentro, tão baixas,  
que só Ela as ouviu ?

O que pedi ? Por quem ?  
Que vai acontecer  
que eu possa perceber  
que é de Ela que vem ?

Mas não, Virgem, não quero  
um sinal que mo explique.  
— Em Tuas mãos me entrego  
como se ao Mar me desse.

TABLA

1	PROLOGO	1
2	PRIMER DIA DE LA OBRA	1
3	SEGUNDO DIA DE LA OBRA	1
4	TERCER DIA DE LA OBRA	1
5	CUARTO DIA DE LA OBRA	1
6	QUINTO DIA DE LA OBRA	1
7	SEXTO DIA DE LA OBRA	1
8	SEPTIMO DIA DE LA OBRA	1
9	ACTO UNICO	1
10	ACTO SEGUNDO	1
11	ACTO TERCERO	1
12	ACTO CUARTO	1
13	ACTO QUINTO	1
14	ACTO SEXTO	1
15	ACTO SEPTIMO	1
16	ACTO OCTAVO	1
17	ACTO NOVENO	1
18	ACTO DECIMO	1
19	ACTO UNDICESIMO	1
20	ACTO DUODECIMO	1
21	ACTO TRECESIMO	1
22	ACTO CATORCESIMO	1
23	ACTO QUINCESIMO	1
24	ACTO DECIMOSEXTO	1
25	ACTO DECIMOSEPTIMO	1
26	ACTO DECIMO OCHO	1
27	ACTO DECIMONUEVE	1
28	ACTO VEINTESIMO	1
29	ACTO VEINTY UNO	1
30	ACTO VEINTY DOS	1
31	ACTO VEINTY TRES	1
32	ACTO VEINTY CUATRO	1
33	ACTO VEINTY CINCO	1
34	ACTO VEINTY SEIS	1
35	ACTO VEINTY SEVEN	1
36	ACTO VEINTY OCHO	1
37	ACTO VEINTY NOVENO	1
38	ACTO TRIGESIMO	1
39	ACTO TRIGESIMO UNO	1
40	ACTO TRIGESIMO DOS	1
41	ACTO TRIGESIMO TRES	1
42	ACTO TRIGESIMO CUATRO	1
43	ACTO TRIGESIMO CINCO	1
44	ACTO TRIGESIMO SEIS	1
45	ACTO TRIGESIMO SEVEN	1
46	ACTO TRIGESIMO OCHO	1
47	ACTO TRIGESIMO NOVENO	1
48	ACTO TRIGESIMO DIEZ	1
49	ACTO TRIGESIMO UNO	1
50	ACTO TRIGESIMO DOS	1
51	ACTO TRIGESIMO TRES	1
52	ACTO TRIGESIMO CUATRO	1
53	ACTO TRIGESIMO CINCO	1
54	ACTO TRIGESIMO SEIS	1
55	ACTO TRIGESIMO SEVEN	1
56	ACTO TRIGESIMO OCHO	1
57	ACTO TRIGESIMO NOVENO	1
58	ACTO TRIGESIMO DIEZ	1
59	ACTO TRIGESIMO UNO	1
60	ACTO TRIGESIMO DOS	1
61	ACTO TRIGESIMO TRES	1
62	ACTO TRIGESIMO CUATRO	1
63	ACTO TRIGESIMO CINCO	1
64	ACTO TRIGESIMO SEIS	1
65	ACTO TRIGESIMO SEVEN	1
66	ACTO TRIGESIMO OCHO	1
67	ACTO TRIGESIMO NOVENO	1
68	ACTO TRIGESIMO DIEZ	1
69	ACTO TRIGESIMO UNO	1
70	ACTO TRIGESIMO DOS	1
71	ACTO TRIGESIMO TRES	1
72	ACTO TRIGESIMO CUATRO	1
73	ACTO TRIGESIMO CINCO	1
74	ACTO TRIGESIMO SEIS	1
75	ACTO TRIGESIMO SEVEN	1
76	ACTO TRIGESIMO OCHO	1
77	ACTO TRIGESIMO NOVENO	1
78	ACTO TRIGESIMO DIEZ	1
79	ACTO TRIGESIMO UNO	1
80	ACTO TRIGESIMO DOS	1
81	ACTO TRIGESIMO TRES	1
82	ACTO TRIGESIMO CUATRO	1
83	ACTO TRIGESIMO CINCO	1
84	ACTO TRIGESIMO SEIS	1
85	ACTO TRIGESIMO SEVEN	1
86	ACTO TRIGESIMO OCHO	1
87	ACTO TRIGESIMO NOVENO	1
88	ACTO TRIGESIMO DIEZ	1
89	ACTO TRIGESIMO UNO	1
90	ACTO TRIGESIMO DOS	1
91	ACTO TRIGESIMO TRES	1
92	ACTO TRIGESIMO CUATRO	1
93	ACTO TRIGESIMO CINCO	1
94	ACTO TRIGESIMO SEIS	1
95	ACTO TRIGESIMO SEVEN	1
96	ACTO TRIGESIMO OCHO	1
97	ACTO TRIGESIMO NOVENO	1
98	ACTO TRIGESIMO DIEZ	1
99	ACTO TRIGESIMO UNO	1
100	ACTO TRIGESIMO DOS	1

ARRÁBIDA  
1947 - 1950

## TÁBUA

	PÁG.
CAMPO ABERTO	
LOUVOR DA POESIA	
LUA NOVA	
Elegia Primeira . . . . .	19
Sweet Ophelia . . . . .	20
Elegia Segunda . . . . . ; . . . . .	21
Manel . . . . .	22
Inscrição . . . . .	24
Os Deuses . . . . .	25
Elegia para uma gaivota . . . . .	26
PARAÍSO PERDIDO	
Paraíso Perdido . . . . .	31
Palavras a Frei Agostinho . . . . .	34
Apareces tão pouco . . . . .	36
A uma criança . . . . .	38
VIAGEM	
Romance do Comboio . . . . .	43
Manhã no Sado . . . . .	45
Santa Luzia . . . . .	47
Mãe Noite . . . . .	50
Carruagem de terceira . . . . .	53
O Cais . . . . .	55



	PAG.
<b>CAIXINHA DE MÚSICA</b>	
Balada das quatro meninas . . . . .	59
Toada do Ladrão . . . . .	61
Maribel . . . . .	64
Descoberta . . . . .	66
Cantiga de Amigo . . . . .	68
Conto em verso da princesa roubada . . . . .	70
<b>A COMPANHEIRA</b>	
Todo o mau tempo . . . . .	75
Plenitude . . . . .	76
A Companheira . . . . .	77
A Nossa Casa . . . . .	78
<b>A VERDADE ERA BELA</b>	
A verdade era bela . . . . .	83
Natal . . . . .	85
Alegoria . . . . .	87
Condição . . . . .	89
Os que vinham da Dor. . . . .	91
Quatro mil soldados. . . . .	92
Moinha . . . . .	95
Apolo . . . . .	97
É o Sol e mais nada . . . . .	99
Cristo . . . . .	101
<b>SENHORA DA LAPA</b>	



COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA  
ARTÍSTICA, LDA. — RUA DO DIÁRIO DE  
NOTÍCIAS, 113 A 117—TEL. 28761—LISBOA

L. 3973/

VINHETA DE JOSÉ MARIA CRUZ DE CARVALHO



E  
3